

## RESENHA DE *L'INSULTE*, DE FÉDÉRICO BRAVO

Bauvarie Mounga<sup>i</sup>

**Resumo:** Trata-se da resenha da obra *L'insulte*, dirigida por Fédérico Bravo. O insulto é um ato ou um discurso que visa a ofender o outro. Estudar esse fenômeno corrente a partir de um único campo de estudo é difícil. Esta é, sem dúvida, a razão pela qual Fédérico Bravo dirigiu uma obra com a contribuição de quatorze disciplinas (sociologia, filosofia, medicina, história, antropologia, estética, ciências da linguagem, literatura...) e vinte e dois autores, para melhor delimitar e compreender o que é o insulto. A obra, subdividida em seis partes (“Teorias”, “Sociedades e representações”, “Estéticas”, “Línguas e linguagens”, “Poéticas”, “Poéticas e polêmicas”), tenta desvelar os mecanismos do insulto.

**Palavras-chave:** Discurso. Representações. Linguagens. Insulto.

**Abstract:** This text is a review about the book *L'insulte*, organized by Fédérico Bravo. The insult is an act or a discourse that aims at offending the other. To study this phenomenon through a single field is a hard task. This is, undoubtedly, the reason why Fédérico Bravo organized a book with the contribution of fourteen disciplines (Sociology, Philosophy, Medical Sciences, History, Anthropology, Aesthetics, Language Sciences, Literature...) and twenty two authors, in order to better circumscribe and comprehend what it is. The book, divided in six parts (“Theories”, “Societies and representations”, “Aesthetics”, “Language and languages”, “Poetics”, “Poetics and polemics”), tries to unveil the mechanisms of insult.

**Keywords:** Discourse. Representations. Languages. Insult.

---

<sup>i</sup> Doutora em Linguística e Ciências da Linguagem pela Université de Yaoundé I, República dos Camarões. E-mail: bauvarie2004@yahoo.fr.

O insulto é um ato ou um discurso<sup>1</sup> que visa a ofender o outro. Estudar esse fenômeno corrente a partir de um único campo de estudo é difícil. Esta é, sem dúvida, a razão pela qual Fédérico Bravo dirigiu uma obra com a contribuição de quatorze disciplinas (sociologia, filosofia, medicina, história, antropologia, estética, ciências da linguagem, literatura...) e vinte e dois autores, para melhor delimitar e compreender o que é o insulto. A obra, subdividida em seis partes (“Teorias”, “Sociedades e representações”, “Estéticas”, “Línguas e linguagens”, “Poéticas”, “Poéticas e polêmicas”)<sup>2</sup>, tenta desvelar os mecanismos do insulto.

A primeira seção, intitulada “Teorias”, estabelece as bases para um estudo sobre o insulto, tentando compreender como esse ato de linguagem nasce. A seção conta com quatro artigos. Em sua contribuição, Evelyne Larguèche elabora uma teorização do fenômeno da injúria a partir de uma abordagem pragmática. Por conseguinte, a autora estima que se deve deslocar a injúria de seu contexto para melhor analisar e determinar o estatuto social dos actantes. Ela distingue dois tipos de injúria: a injúria específica, que precisa seu ataque sobre uma pessoa bem definida, e a injúria não-específica, que utiliza expressões pejorativas, podendo ser empregada a quem quer que seja.

Em seu artigo, Valérie Boutevin-Bonnet interessa-se às falhas do insulto. Mais precisamente, o intuito da autora é mostrar como a concepção austiniana dos atos de fala permite a tomada de posição sobre aquele que pode causar o fracasso do insulto, a partir da análise do insulto proposta por Sêneca em *De la constance du sage* (1962). Para Sêneca, o sábio é impermeável ao insulto. Essa invulnerabilidade é uma questão de maior importância e um teste para o filósofo estóico. Assim, “ser sensível ao insulto revela a mediocridade da alma daquele que se submete” (p.37)<sup>3</sup>. O insultado não deve atribuir importância ao insulto. Além disso, Austin coloca que o insulto é um ato de fala que se decompõe em três atos: locutório, ilocutório e perlocutório. Pode haver uma falha de insulto no nível desses três atos. Com o

---

<sup>1</sup> “Parole” também pode ser traduzido como “fala”. No caso, optamos pelo termo “discurso” por conta da presença da palavra “ato” citada anteriormente. Dessa forma, evita-se a confusão com o termo “ato de fala”, segundo a teorização de Austin.

<sup>2</sup> Ao longo da tradução, os títulos e subtítulos dos artigos da obra resenhada serão apresentados em português. Entretanto, manteremos os títulos de outras obras citadas em sua língua original.

<sup>3</sup> Tradução dos excertos das obras consultadas pela autora da resenha em francês.

ato locutório, o fracasso do insulto pode ocorrer se o interlocutor não compreende o que o locutor diz. No nível do ato ilocutório, o fracasso pode ser efetivo se a significação do enunciado não é compreendida pelo interlocutor. Finalmente, o ato perlocutório pode não ter o efeito desejado em razão da personalidade do auditor.

Em seu artigo, Philippe Lacadée enfoca os adolescentes que se mostram agressivos e insultantes, uma vez que se sentem coisificados e humilhados. Trata-se de um mal entendido na medida em que face às reações ou falas que eles levam a mal, certos jovens sentem-se insultados, reagindo e mostrando-se desrespeitosos. Já Frédéric Bravo explora os mecanismos precedentes ou em curso do proferimento do insulto. Primeiramente, o indivíduo preso a um transbordamento de cólera faz com que isso permeie as palavras. Em segundo lugar, o insulto toma forma quando o locutor atribui uma missão precisa às palavras escolhidas por ele: rebaixar seu interlocutor. Sob esta ótica, toda palavra pode tornar-se um insulto, dependendo do contexto.

A segunda seção da obra, intitulada “Sociedades e representações”, explora tanto os casos práticos onde o insulto é vivido na sociedade, quanto suas manifestações. A seção agrupa um total de quatro contribuições. Véronique Avérous questiona-se sobre o lugar da vergonha em cuidados paliativos. Vários doentes em fim de vida vivem sua situação como uma desonra, um insulto. É o caso por exemplo de uma senhora idosa de sessenta e um anos e portadora de um mieloma múltiplo. A mulher sente-se desvalorizada e diminuída. Tais estados de doença, sem outro culpado que não seja a própria vida, constituem atentados trágicos à dignidade, tidos como insultos. Sophie Coussemacker interessa-se pelos palavrões na boca de pequenas crianças. Ela apoia-se, no âmbito de seu estudo, no exemplo dos príncipes castelhanos. Nesta perspectiva, a fala do jovem príncipe deve ser clara e suficiente por si mesma. Além disso, ela deve ser conveniente e verídica. A jovem criança domina a linguagem à partir dos dois anos, mas atinge a idade da razão em torno dos sete anos. Os pais devem então cuidar da educação de seus filhos desde muito cedo. Os autores medievais sugerem três modalidades para uma melhor educação das crianças: impedir os pais, eles mesmos, de serem maus modelos; distanciar as crianças de más companhias; repreender e reprimir as crianças por meio de agressão física. Arnaud Alessandrin e Karine Espineira analisam os insultos sofridos pelas minorias, mais precisamente, os homossexuais e os transsexuais. Esses

últimos são considerados como párias no seio da sociedade e eles acabam tendo muito poucas soluções: seja aceitar a marginalização e se diminuir, seja reconstituir a sua autoestima. O artigo de Charlotte Prévot caminha no mesmo sentido, uma vez que ele também fala de homossexualidade. Trata-se de um relato alimentado por uma peregrinação ao cotidiano, peregrinação bordada de insultos visíveis nos muros. Os homossexuais são constantemente agredidos através de insultos inscritos por toda parte. Segundo o autor, eles devem então reestabelecer sua capacidade de se autodesignar por palavras que lhes convém, “e tornar o insulto conseqüentemente inoperante” (p.182).

A terceira seção, denominada “Estéticas”, trata do insulto no nível artístico e compreende três artigos. Thierry Rougier analisa o insulto nos repentes do nordeste brasileiro. Tais jogos entre poetas improvisadores caracterizam-se pela espontaneidade e inventividade. Os dois poetas alternam estrofes. As réplicas são mordazes e os termos injuriosos são avidamente esperados pelo público. Os repentes são uma espécie de exaltação da agressividade pelo público. Aqui, os insultos são uma piada, mesmo se eles são incisivos. Distingue-se assim o “coco” que abunda em refrãos cativantes e proposições triviais, e a “embolada” que é muito agressiva e violenta e cujas proposições são de uma indecência extrema. Já Claire Azéma estuda o insulto no design. O designer quer romper com a autoridade que aprisiona a criação em uma camisa de força inapropriada aos novos modelos sociais. Desse modo, seu ato é acusado de insultante pela autoridade, porque ele se opõe ao discurso normativo do design. O insulto está então no desvio e no discurso contra as instituições. Sandra Méteaux, de sua parte, interessa-se pelo dedo do meio como um gesto catártico e resistente que restitui a honra.

As representações e as análises do insulto em certas línguas e na linguagem são reservadas à quarta seção intitulada “Línguas e linguagens”. Esta parte conta com quatro contribuições. Musanji Ngalasso-Mwatha desenvolve uma reflexão sobre o insulto enquanto fala isolando as principais características linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas. Entretanto, é sobretudo uma questão para o autor analisar a gramática dos insultos em uma língua da África Central: o gipende. Ngalasso-Mwatha coloca que o insulto recorre, qualquer que seja a língua, a três figuras discursivas preferenciais: a comparação, a metáfora e a hipérbole. O insulto provém da maledicência, é uma fala depreciativa fundada na observação de um fato verdadeiro e verificável. Já a injúria é uma ofensa gratuita, desnuda de fundamento na realidade. No que

tange à gramática de insultos em gípende, o autor sustenta que o insulto repousa sobre três fatores exteriores à expressão linguística: seu alvo, seu impacto e seu alcance. E as figuras de estilos mais empregadas em gípende são a nominação, a demonstração, a qualificação, a comparação e a metáfora. Mamadou Diop descreve em seu artigo uma abordagem sociológica da prática do insulto em meio Peul. Ele declara que a presença recorrente de insultos no discurso de uma pessoa ajuda os seus a conhecer o seu pertencimento social no seio da comunidade. Assim sendo, o insulto é uma banalidade para os Peuls, assim como também ocorre nos Subalbe e nos Waylube. Trata-se de um fator de descontração e uma prova de ancoragem social do locutor. O insulto é considerado como um aspecto de aliança catártica na manutenção de ligações parentais e matrimoniais. Há ainda duas contribuições na quarta parte que merece ser evocada. O artigo de Sabine Tinchant analisa o que se passa no nível verbal quando o insulto é retido, dominado ou censurado no nível verbal. Véronique Béghain pincela as estratégias colocadas em prática pela tradutora francesa de *Erasure* (2001), Anne-Laure Tissut, para traduzir os insultos compostos a partir da base verbal “fuck”.

A quinta seção, denominada “Poéticas”, analisa o insulto como um procedimento que participa da criação literária e compreende quatro artigos. Em sua contribuição, Alain Mons estuda o desvio erótico das palavras que em outras circunstâncias poderiam ser percebidas como insultos, ultrajes ou obscenidades. Ele analisa os escritos de três escritores da modernidade: James Joyce, Georges Bataille e Joe Bousquet. O autor estuda a correspondência entre James Joyce e sua esposa Nora nos anos 1909-1910 e faz as seguintes observações: as cartas são eróticas e a jovem mulher é descrita ora como uma Santa, ora como uma Puta; trata-se de um jogo com a língua, com palavras chocantes, populares e inconvenientes; entre a escrita e o corpo, o entrosamento é total para Joyce; a correspondência amorosa de Joyce torna-se um espaço de experimentação de paradoxos da linguagem, através da expressão da vulgaridade e de sua violência potencial. Em *Bataille*<sup>4</sup>, Mons revela uma violência na fúria de escrever, mas ela é poética em seus efeitos. Joe Bousquet, por sua vez, escreveu *Le cahier noir*, um texto erótico à glória da mulher, mantido um longo tempo em segredo. Mons declara que ele fala indecência de modo poético, “é uma questão musical, de escuta, de integração de dissonâncias e de distorções harmônicas como pode ocorrer na

---

<sup>4</sup> Títulos de obras em itálico

música contemporânea” (p.318). Ana Maria Binet, em sua contribuição, explora a estética do insulto nos autores vanguardistas portugueses. O início do século vinte é uma época em que se questiona as formas tradicionais em um contexto de crise. Binet indica que os Manifestos futuristas portugueses parecem revelar uma vontade de rompimento com um imobilismo cultural que ameaçava enredar seus autores em um panorama literário da época. Os autores estabeleceram uma estratégia textual inserida em uma verdadeira *poética da ruptura*, induzindo uma destruição da continuidade tanto da forma quanto do sentido, deixando lugar a uma violência fragmentária que vai se mostrar bastante subversiva na economia do texto.

Ainda na quinta seção, Elvezio Canonica estuda o insulto poético e a poética do insulto no contexto literário e social da Espanha no início do século XVII. A tradição do insulto poético na Espanha do século de ouro ascende com a união dinástica das coroas de Castela e de Aragão, selada pelo casamento de Ferdinand e Isabelle em 1469. Desde 1609, observa-se a aparição de uma nova estética poética muito original e inovadora, inaugurada por um poeta de Córdoba, Luis de Góngora. Assim, assistiremos a diversos combates, como por exemplo, entre os velhos cristãos (Quevodo) e os leigos (Góngorra). Pierre Levron, por sua vez, examina o insulto na literatura medieval lírica.

A sexta parte, intitulada “Políticas e polêmicas”, examina o insulto no âmbito da vida da cidade e dos debates contraditórios. Ela é constituída de três artigos. Frédéric Adelbert Kinkani questiona-se sobre os traços do insulto em um pensamento filosófico moderno. O autor sustenta que entre as teses fundamentais de certos pensadores, figura o insulto que consagra a superioridade de certos homens sobre outros, a racionalidade de uns e a imbecilidade de outros. A esse respeito, ele cita Voltaire (1694-1778) que trata os negros, mais precisamente os Lapons, como pessoas estúpidas, selvagens e bárbaras. Hume (1711-1776) pensa que os negros agregam pouca importância a suas pessoas. Eles perderam a sua identidade, porque são capazes de tudo por uma garrafa de vinho. Kant (1724-1804), por sua vez, declara que a luz da inteligência se encontra no Ocidente. Ele consagra assim a subalternação dos saberes, a pretensa imbecilidade do outro, especialmente o homem negro. Todorov insurge contra as falas insultantes aos negros, tratando os insultadores de bárbaros. Em seu artigo, Rafael Lucas também se interessa pelas controvérsias ao examinar a gênese do insulto no *Discours sur le colonialisme* (1950) de Aimé Césaire. Assim sendo, o autor pensa que diversos

fatos foram presididos no nascimento desta obra. Ele cita, entre outros, o clima de mal-estar no qual se encontra Aimé Césaire em sua chegada à França. Há também o aparecimento de diversas revistas negras. Valérie Avérous Verclytte estuda o insulto em um contexto político. Trata-se do insulto no domínio do sindicalismo. A autora se questiona sobre a relação que possa existir entre negociação e insulto e sobre a questão de saber se ao insultar pode-se negociar e até onde.

Esta obra é inovadora, muito bem analisada e indispensável a todos aqueles que se interessam em maior ou menor grau à questão do insulto, qualquer que seja o domínio de estudo. Ela possibilita a comunicação entre disciplinas que se ignorava que pudessem ser colocadas juntas, constituindo um verdadeiro inventário sobre o insulto. Além disso, sua leitura é fácil e, portanto, a obra é aberta também ao grande público, mesmo se ela prova ser indispensável para os estudantes e pesquisadores em linguística francesa, principalmente em domínios da argumentação e da análise do discurso.

## Referência

Fédérico Bravo (Dir.). **L'insulte**. Presses Universitaires de Bordeaux: Bordeaux, 2015.

### Tradução:

Flávia Sílvia Machado

Docente da Université de Poitiers, França

### Forma de citação sugerida:

MOUNGA, Bauvarie. Resenha de *L'insulte*, de Fédérico Bravo. Trad. Flávia Sílvia Machado. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 11, p. 176-182, jan/jun.2016.

Recebido em: 15/06/2016

Aprovado em: 20/06/2016